

# Síntese da Conjuntura do Sector Elétrico e Eletrónico

4º Trimestre de 2015

## *Incerteza no contexto nacional*

### 1. Conjuntura Sectorial

Nota: Os índices que se seguem resultam da média aritmética das respostas das empresas associadas, segundo uma escala qualitativa de 1 a 5, em que 1 corresponde ao valor mais desfavorável e 5 ao mais favorável, na apreciação de cada um dos itens.

#### 1.1 Volume de Negócios

Volume de Negócios	4.º Trim 2015	1.º Trim 2016
Mercado Português	2,9	2,8
Mercado Externo	3,1	3,3

No final de 2015, o Volume de Negócios no mercado nacional sofreu um abrandamento que ameaça continuar no primeiro trimestre de 2016; já o mercado externo manteve uma performance razoável, ao contrário do esperado, prevendo-se uma ligeira aceleração neste início de 2016.

#### 1.2 Carteira de Encomendas

Carteira de Encomendas	4.º Trim 2015	1.º Trim 2016
Mercado Português	2,9	2,6
Mercado Externo	2,9	3,2

A Carteira de Encomendas refletiu o abrandamento dos negócios no mercado nacional no último trimestre de 2015, esperando-se uma queda significativa no 1º trimestre do ano. O mercado externo revelou melhor andamento, prevendo-se uma melhoria no 1º trimestre de 2016.

### 1.3 Emprego

Emprego	4.º Trim 2015	1.º Trim 2016
Qualificado	3,1	3,2
Não Qualificado	2,9	2,9

O Emprego Qualificado continua a revelar-se estável; o Emprego Não Qualificado apresenta níveis ligeiramente inferiores.

### 1.4 Propensão ao Investimento

Investimento	4.º Trim 2015	1.º Trim 2016
Propensão a investir	2,8	2,7

As perspetivas de investimento não se concretizaram de forma positiva como esperado no final de 2015 e ameaçam até agravar-se no 1º trimestre do ano, sendo as causas mais prováveis a insegurança da classe empresarial no que toca à estabilidade política e financeira do país, em face das incógnitas quanto ao atual governo e recentes acontecimentos no setor financeiro.

### 1.5 Situação Financeira

Indicadores	4.º Trim 2015	1.º Trim 2016
Tesouraria/Liquidez	3,3	3,2
Dívidas de clientes privados	2,9	3,0
Dívidas do Estado e Setor Público	2,7	2,7
Acesso ao crédito	2,7	2,8
Custo do crédito	2,7	2,7
Seguro de Crédito à Exportação	2,3	2,3

A Tesouraria das empresas mantém-se equilibrada, tal como a recuperação das dívidas de clientes privados, que pouco oscila, ao contrário da recuperação mais morosa das dívidas do Estado.

O acesso ao crédito voltou a descer para níveis insatisfatórios, reflexo da instabilidade financeira já mencionada e dos custos respetivos, também. O seguro de crédito à exportação agravou o seu comportamento, voltando a níveis bastante reduzidos.

## 1.6 QREN

QREN	4.º Trim 2015	1.º Trim 2016
Aprovação de projetos	2,7	2,7
Pagamento de participações	2,7	2,7

A Aprovação de projetos no âmbito do novo QREN não está a ter resultados tão positivos, bem como o pagamento das respetivas participações; recorde-se que o nível de exigência deste QREN quanto à pertinência dos investimentos a concurso é maior, o que implica uma maior seletividade na aprovação dos mesmos.

## 2. Conjuntura Portuguesa

Apresentam-se as previsões mais recentes do Banco de Portugal (BdP) para a economia portuguesa.

	2015	2016	2017
PIB	1,6	1,7	1,8
Consumo Privado	2,7	1,8	1,7
Consumo Público	0,1	0,3	0,1
Investimento (FBCF)	4,8	4,1	6,1
Exportações	5,3	3,3	5,1
Importações	7,3	3,6	5,6
IHPC	0,6	1,1	1,6

Fonte: Banco de Portugal (Dez 2015)

As projeções para a economia portuguesa do BP apontam para a continuação da recuperação gradual, configurando um dinamismo da atividade próximo do projetado pelo BCE para a área do euro. No entanto, as projeções para 2016 e 2017 encontram-se rodeadas de uma incerteza maior do que a habitual, em particular por não se conhecer o Orçamento de Estado para 2016.

Se Portugal conseguir sair do procedimento por défice excessivo (PDE) este ano, poderá conseguir mais margem de manobra na implementação das suas políticas relativamente a

Bruxelas. Para tal, o défice de 2015 tem de ficar abaixo dos 3% e as projeções da Comissão indicarem uma descida no défice em 2016 e 2017.

O problema para o Governo português em sair do PDE prende-se essencialmente com a reversão das políticas de austeridade, como o fim mais rápido da sobretaxa de IRS e dos cortes salariais na função pública, e o regresso ao horário de trabalho de 35 horas na estrutura do Estado.

Conforme se tem verificado nos últimos anos, as exportações deverão apresentar um crescimento robusto e a procura interna, por seu turno, deverá apresentar uma recuperação gradual, compatível com a redução do nível de alavancagem das famílias e empresas não financeiras. Por outro lado, a economia portuguesa continua ainda a enfrentar desafios importantes como um aumento significativo da produtividade, bem como uma distribuição dos retornos do crescimento económico que contribua para um grau elevado de coesão social. Estes objetivos exigem o reforço de incentivos à inovação, à mobilidade de fatores e a investimentos em capital humano e físico.

### 3. Conjuntura Internacional

<b>PIB</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>
<b>MUNDO</b>	<b>3,1</b>	<b>3,6</b>
EUA	2,6	2,8
<b>UE - zona euro</b>	<b>1,5</b>	<b>1,6</b>
Alemanha	1,5	1,6
França	1,2	1,5
Itália	0,8	1,3
Espanha	3,1	2,5
Reino Unido	2,4	2,2
<b>Portugal</b>	<b>1,6</b>	<b>1,5</b>
Brasil	-3,0	-1,0
China	6,8	6,3
Japão	0,6	1,0
Rússia	-3,8	-0,6

Fonte: FMI - Out 2015

A recente reforma na governação do FMI abre caminho para reforçar fortemente os fundos disponíveis e realizar uma transferência de poder dos Estados Unidos e da Europa para potências mundiais emergentes como a China ou o Brasil.

Num avaliação feita recentemente, o Crédit Suisse crê que o mundo se encontra num processo de transição de um mundo completamente globalizado para um de multipolarização, assente no desenvolvimento das economias dos países asiáticos, estabilização da zona euro e desenvolvimento de novas instituições transnacionais, que não são obrigatoriamente globais, i.e, os países estão mais focados em seleccionar mercados para as trocas comerciais, do que em expandir para todo o mundo. O crescimento do número de acordos comerciais preferenciais e regionais (ex: Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento entre a UE e os EUA, sustenta esta previsão. Também neste sentido, as escolhas de parceiros comerciais assumem “cada vez mais contornos políticos”, de que são exemplo as sanções impostas à Rússia.

No domínio financeiro, o mundo permanece cada vez mais globalizado, com evidente e crescente instabilidade na União Europeia, e com os EUA a emergirem de novo, em face da desaceleração das economias emergentes como o Brasil e a Índia, mantendo-se a China num crescimento moderado.

Janeiro de 2016  
Serviço de Economia e Associativismo